

RUBEM BRAGA

Sobre Passarinhos

UMA vez eu devia passar alguns meses no estrangeiro e levei dias ponderando as virtudes e defeitos de meus amigos, para ver com quem podia deixar os passarinhos.

Excluí os solteiros. São sujeitos desorganizados, que podem ser arrastados por algum rabo-de-saia a passar algum fim-de-semana em Petrópolis e deixar um bichinho morrer de fome ou de sede. A respeito dos casados pensei muito em suas espósas. Nada de senhoras que varam madrugada jogando taradinho, ou freqüentam demais boates — isso é gente capaz de se esquecer dos próprios filhos, que dirá de meu bicudinho. Sondei em vários lares a existência de gatos ou de meninos pequenos demais; eliminei da lista uma das casas porque a cara da empregada não me agradou — e acabei decidindo pela casa de um amigo nordestino que me pareceu o melhor lar para o cuidado e educação de meus passarinhos. Viajei saudosos, mas tranqüilo.

No dia seguinte à minha volta peguei meu amigo no escritório, à tarde, com a intenção de passar pela sua casa e apanhar meus passarinhos. Ele perguntou se eu queria mesmo os bichos de volta, por que não o deixava mais algum tempo em sua casa. Achei que ele estava desconversando, vai ver que algum passarinho tinha morrido. Jurou que não. De toda maneira ele relutou em vir para Ipanema comigo; senti que não queria que eu fosse à sua casa. Quando insisti muito, ele disse com ar misterioso:

— Bem, se você puder levar...

Quando cheguei à sua casa é que senti o drama. A mulher de meu amigo não estava de maneira alguma disposta a me devolver os passarinhos, e teve uma discussão com ele a esse respeito. Não me meto em discussão de casais, e embora fosse a parte mais interessada, fiquei quieto. Deixei passar o tempo. Depois do jantar com bons vinhos, entrei jeitosamente na conversa com a senhora. Ela relutava, punha a culpa nas crianças que iriam ficar muito tristes, uma empregada até chorara quando soube que eu ia levar os passarinhos.

Fiz uma proposta: ficasse com o galo-de-campina; mas meu bicudo... Percebendo nossa conversa, o marido entrou no meio, disse que não ficava bem aquilo que ela estava fazendo, que ele até sentia vergonha. Aí a discussão pegou fogo e me exaltei, disse que de qualquer maneira ia levar meu bicudo. Meu estouro pareceu assustá-la, porque ficou quieta, me olhando. Mas quando terminei ela disse, calmamente, com a voz lenta e firme:

— Se o Juca lhe deu a palavra, está bem. Eu não dei. Você pega o Juca, põe dentro de uma gaiola, leva para casa e pendura em sua varanda. Ele faz muito menos falta aqui!

Passarinho não se empresta a ninguém. Nem a quem não gosta de passarinho, nem, principalmente, a quem gosta de passarinho.

DN 24.12.67

C. Povo 9.10.83

ELE e ELA, nº 99,

Juho, 1977

RN 152

O Flam, abril 81

Livro "Poe. Primavera 4

4/14